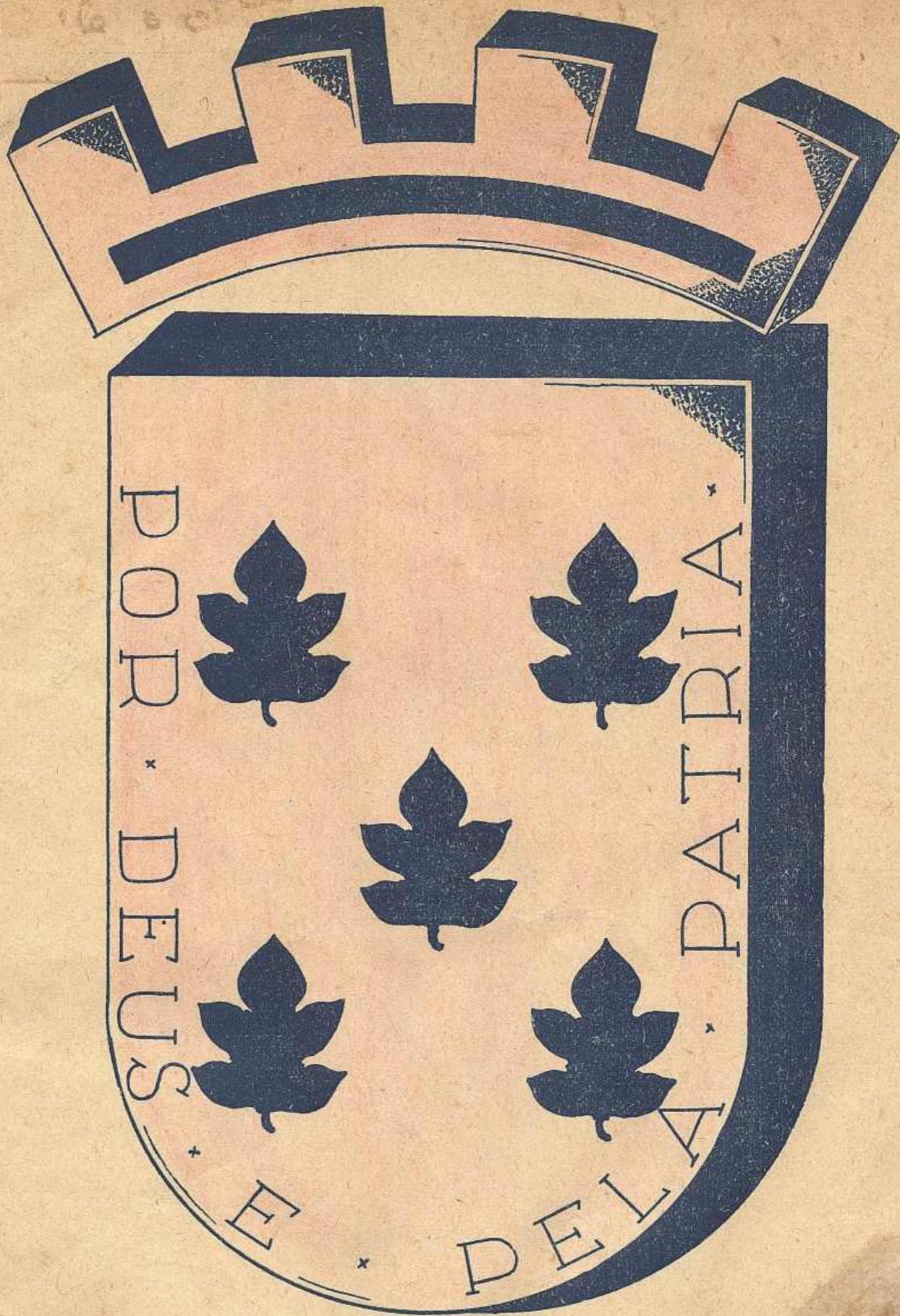


FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESTANCIA DE TURISMO

1933



Brazão d'armas (estilização) da  
vila de Figueró dos Vinhos —  
— Cordeiro de ouro, cinco fô-  
— de figueira, a verde' — A  
— da POR DEUS E PELA PÁ-  
— Corôa mural de quatro  
— fôr.

★  
Este ALBUM DE  
TURISMO foi editado  
pela COMISSÃO DE INICIA-  
TIVA DE FIGUEIRO DOS VINHOS  
♦ Realizou-o, no seu aspecto gráfico e  
literário, JORGE SIMÕES ♦ MANUEL RIBEIRO  
fez os desenhos ♦ Foi composto e impresso na  
IMPRESSORA ARTÍSTICA, LIMITADA, da Rua Diário de Notícias,  
113-115, — Lisboa, — por ANTONIO SILVÉRIO  
GRACIO ♦ A sua impressão fez-se em  
papel nacional da FABRICA DA  
ABELHEIRA. ♦ Ficou con-  
cluído em 31 de De-  
zembro de  
1933

# DOIS ARTISTAS MUITO ILUSTRES

Cêrca de sete anos são decorridos desde que se finou, na sua casinha da Amadora, o escultor genial e grande artista, que foi em vida José Simões d'Almeida Junior, ou, melhor, Simões d'Almeida (Tio) — que foi como se chamou, no mundo das artes, o autor admirável do «Saltimbanco», da «Sapho», e da «Saudade».

Não esqueceu ainda o seu nome e as suas obras, dispersas em Portugal e no Brasil, atestarão às gerações vindouras que existiu em terras portuguezas um artista tão grande.

Figueiró foi a terra que lhe serviu de berço, tendo nascido ali no ano de 1844.

Vindo para Lisboa cursou na Academia de Belas Artes, revelando-se desde logo, no aluno, como seria mais tarde — um grande mestre.

Aos 21 anos, terminado o curso com excepcional classificação, obteve uma bolsa de estudo do governo portuguez e foi aperfeiçoar-se para a Itália.

Depois, surge em Paris, discípulo de Monteverde, e com a sua admirável escultura «Puberdade», feita em mármore, obteve um prémio na Exposi-

## Simões d'Almeida (Tio)



ção Internacional da *Cidade-Luz*, de 1878. Em 1890 na Exposição do Rio de Janeiro, obtem novo prémio com o gesso «Sapho».

Desde então, a sua carreira foi sempre verdadeiramente triunfal.

Das suas obras mais notáveis recordam-nos «O Saltimbanco»; «A Saudade»; «Inez de Castro»; «D. Sebastião lendo os Luziadas»; «Agricultura»; «Camões»; «Infante D. Henrique»; «Visco da Gama»; «Pedro Alvares Cabral»; «Superstição»; etc., etc.

Simões d'Almeida (Tio) não esqueceu nunca que era de Figueiró dos Vinhos. E legou-lhe, entre outras, duas obras preciosas — «Cristo Crucificado» que se admira na igreja matriz da vila e que foi encarnado por outro grande mestre — Malhóa — admirando-se também a sua reprodução na capela de Alexandre Herculano, nos Jerónimos; «Camões» — que ofereceu ao Club da sua terra e ali se encontra hoje, na sala de leitura.

Em 13 de Dezembro de 1926 finava-se Simões d'Almeida (Tio) dócemente, na sua casinha da vila de Amadora, com 82 anos.

## Simões d'Almeida (Sobrinho)

Em 1880 via a luz do dia, pela primeira vez, em Figueiró dos Vinhos, aquêle que é hoje o consagrado escultor José Simões d'Almeida ou, com mais propriedade dentro do mundo das artes, Simões d'Almeida (Sobrinho).

Pertence aquella família de verdadeiros genios creadores de arte e de beleza que já dera o outro Simões d'Almeida, seu tio, e mestre, e inspirador.

Em 1903 tinha concluido o curso na nossa Escola de Belas Artes e pouco depois, durante três anos — que o mestre escultor recorda hoje com saudade infinita — viveu na esturdia alegre e buliçosa, esturdia creadora de maravilhas, no entanto, do atino, em Paris.

Poucos artistas portuguezes terão produzido tanta tão admiráveis obras como Simões d'Almeida (Sobrinho).

Figura já hoje no Museu de Arte Contemporânea, de Lisboa, com alguns maravilhosos trabalhos dos quais citaremos o baixo relêvo em gesso, «As Ninfas do Mondego chorando a morte de Inez de Castro»; outro baixo relêvo, «Infancia» — que é verdadeiro mimo de carinho e de ternura; vários estudos magistrais, representando uma cabeça de velho e duas cabeças de criança.

É de Simões d'Almeida o busto oficial da República Portuguesa, cujas reproduções se contam, por milhares, distribuidas em todo o país. Esse busto tem uma magestade serena e forte. O tópo da escadaria de honra da Camara Municipal de Lisboa, depara-se também com um baixo relêvo de maravilha em que é comemorada a implantação da República em Portugal.

Cinzel que não descança nunca é o dêsse escultor. Ia ele e devem, ainda, os bustos de todas as individualidades que fizeram parte do Governo Provisório; pertencem-lhe o monumento a «Barahona», em Evora; a «Fialho d'Almeida», em Cuba; a «Gago Corcino» e «Sacadura Cabral», em Perna-



buco; ao «Judeu» — ainda por concluir; ao «Infante D. Henrique», em São Miguel (Açores); ao «Dr. Rolo», em Faro, etc., etc.

Nasceu dêsse cinzel prodigioso o frontão do Parlamento; dêle surgiram todas as effigies da moeda cunhada após a implantação do novo regime até agora; e os bustos de José de Castro e de Miguel Bombarda; e sua, finalmente, de cooperação com Francisco Santos, a formidável estátua de «Pombal» que coroa o monumento ao cimo da Avenida da Liberdade.

Simões d'Almeida (Sobrinho) é, actualmente, um dos mais categorizados e illustres professores da Escola de Belas Artes e na ma das dependências daquêle estabelecimento lá tem o seu atelier.

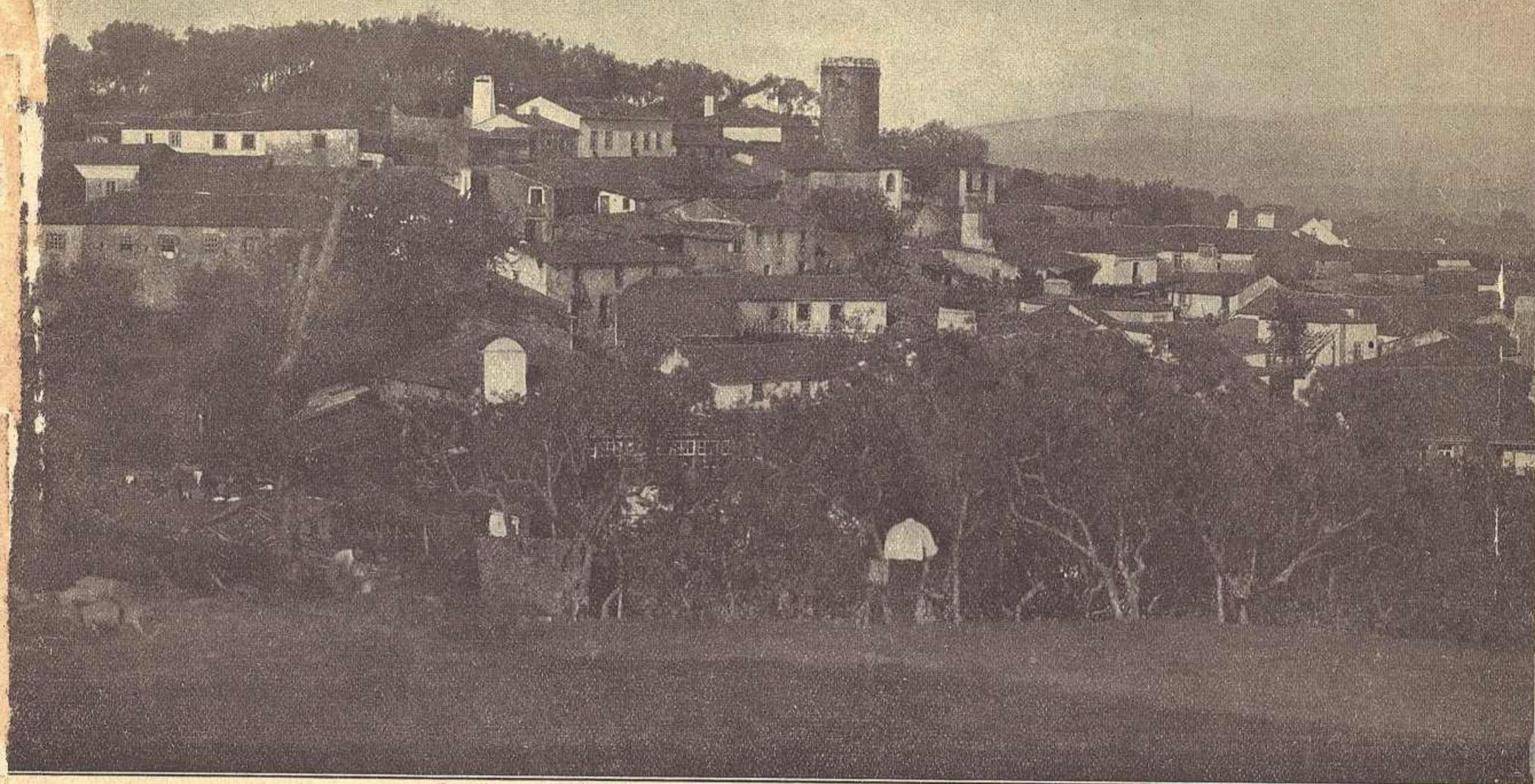
Entrando dentro dêle sente-se a mesma impressão de respeito e união que temos quando nos abrigamos sob a nave de um templo.

Existe ali, de facto, um templo aberto ao culto da beleza.

E se nos quedamos, assombrados, ante a delicadeza das figurinhas minúsculas que surgem em preciosos detalhes, das medalhas que o mestre firmou, não é menos certo que nos atrai a beleza vetusta do «Infante» sentado sobre as penedias que foram seu trono e de onde visionou o futuro de um Portugal Maior.

E logo nos chama o sorriso admirável que se exprime nuns lábios de criança. E mais além, numa escultura genial, o cavador que levanta nos braços, para que o sol o beije, ao seu filho pequeno, nusinho e gracioso. Há, de facto, uma alegoria gritante à Vidã e à Terra-mãe, na expressão tão portugueza que serve de legenda à escultura e diz assim: «Bom dia».

Simões d'Almeida (Sobrinho) honra a terra que o viu nascer e leva o seu nome aos quatro cantos de Portugal, no alto do seu prestígio e por cada novo trabalho que produz.



Vista parcial da vila descendo pitorescamente pela encosta

**E** NCONTRA-SE esta vila e admirável estância de turismo situada na região de entre Extremadura e Beira, a N. O. da cidade de Leiria, a cujo districto administrativo pertence, distando 72 quilómetros da cidade capital.

Constitue a vila, com as freguezias de *Aguda, Arega e Campelo*, um dos mais ricos, prosperos e importantes concelhos de todo o districto, com uma

população, avaliada em 11.067 habitantes, sendo 5.149 na vila, logares e casaes que a cercam, pelo censo de 1930, mas que hoje está muito aumentada segundo as estatísticas demográficas locais e o censo eleitoral que cada vez acusa em mais alta escala o numero de cidadãos votantes.

Está incorporado o concelho, eclesiasticamente, no bispado de Coimbra' E' comarca de 3.<sup>a</sup> classe, desde 1865 servindo os concelhos limitrofes de Castanheira da Pera e Pedrogam Grande.

A sua rêde de comunicações, por via ordinária, está hoje bastante desenvolvida, sendo de facil acesso quer pelo lado da Beira Baixa, através da estrada que liga Figueiró por sôbre o Zezere, com Penela, Pontão, Figueiró. Sernache do Bom Jardim; quer para Coimbra, por Castanheira e Lousã, ou ainda pela estrada nacional de turismo Lisboa-Porto, a que passa no Pontão-Tomar Coimbra e que passa em Pombal e põem a vila em optima comunicação com o norte e o sul do país. Para os excursionistas idos de Lisboa,

apresentam-se duas rotas, qual delas a mais prática e a mais interessante. A primeira, por Tôrres Vedras, Bombarral, Caldas da Rainha, Alcobaça, Aljubarrota, Batalha, Leiria, Pombal, Ancião e Figueiró — atravessando a nossa mais admirável e monumental zona de turismo:

A segunda que vai por Santarem a Tomar e daí por Cabaços, Pontão, Figueiró, ou Tomar, Sernache, atravessando o rio Zezere na r

va ponte da Bairrada e chegando por Aldeia Cimeira a Figueiró, também.

Existem ainda estradas de ligação para Louza — estação que liga

# Figueiró dos Vinhos

---

## estância de turismo

Figueiró com o norte, pela linha dêste nome — e para Condeixa, por Penela, chegando-se rápidamente a Coimbra ou á Figueira da Foz.

Através do caminho de ferro servem a região as seguintes estações: a de Pombal, na linha do norte, onde teem paragem todos os comboios ascendentes e descendentes, inclusivé os rápidos de Lisboa-Porto e Porto-Lisboa. Figueiró dos Vinhos serve-se das estações de Pombal e Tomar para a exportação e importação das suas mercadorias, estando também ligadas por carreiras diárias de camionetes para passageiros com estas 2 estações.

A primeira fica a cerca de 46 quilómetros (3/4 de hora de automóvel) e a segunda a cêrca de 40 quilómetros.

(Continua na página 17)



O RIO ZÉZERE, CORRE POR ENTRE MARGENS ESCARPADAS, NOS ARREDORES DE FIGUEIRÓ

---



A CASA DO «PADRE  
ARCIPRESTE» — UMA  
DAS MAIS INTERES-  
SANTES DA VILA, NO  
SEU ESTILO BEM  
÷ PORTUGUEZ :

---

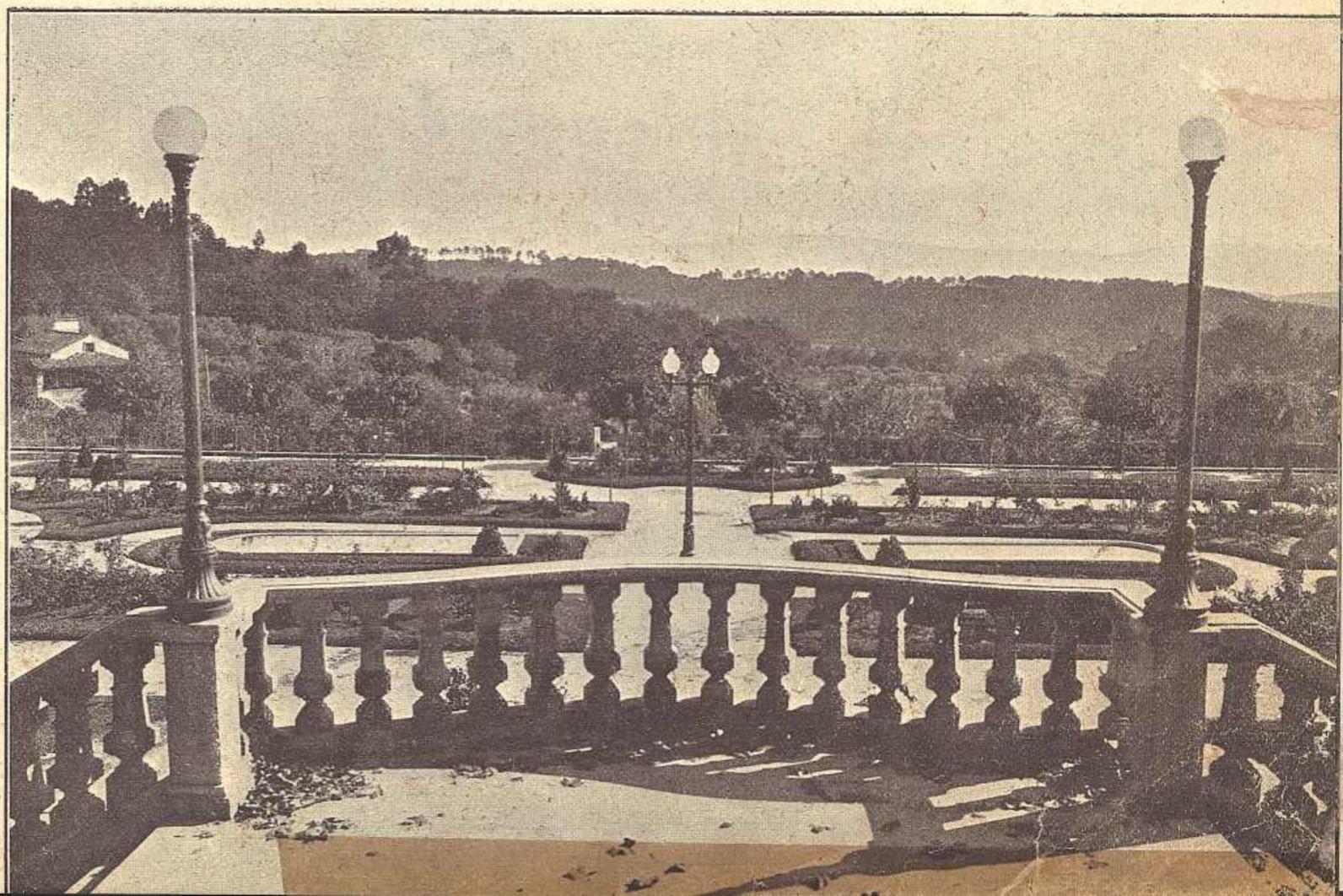




OUTRA ADMIRÁVEL PAISAGEM DO RIO ZÉZERE, JUNTO DA PONTE DA BAIRRADA



O NOVO PARQUE DE  
FIGUEIRÓ DOS VI-  
NHOS, COM SEU AS-  
PECTO MODERNO E  
VISTO DESDE A ELE-  
GANTE BALUSTRADA  
÷ SUPERIOR ÷





Realmente, a máscara de Malhõa, por demasiado expressiva e como elemento fundamental que é para a compreensão nítida da sua obra, suplica um esboço que pode, muito bem, improvisar-se assim: As tûnicas dos seus olhos são esmeraldinas, levemente lavadas de azul e manchadas, suavissimamente, de tonalidades acastanhadas que, de mais em mais, se apertam, esbatem e se encravam nas pupilas negras. As pálpebras, sôbre as quais, como véus ténues, muito ténues, os cílios pousam dôcemente, correndo-as, cingindo-as, — debruçam-se sem ênfase, semi-cerrando-lhe o olhar aos cantos, de modo a permitir-lhes filtrar a luz, as imagens e a fisionomia das cousas e dos homens, penetrando-nos sem se deixarem penetrar.

A sua face é um pergaminho comido pelo sol, arrepanhado de sulcos que a tatuam em caprichos exóticos e se apressam a descer-lhe até á comissura dos lábios, onde se anicha, onde se alcandora, mordendo-lhe a epiderme morena, um fraco bigode, já branco, alçado nas pontas, em que, o seu espírito de gracejador congénito, de criança impenitente, coloca o braço heraldico do que outrora foi a sua vida galante e pobre através da côrte dos últimos Braganças.

Penumbrise-m-lhe agora o rosto, dêem-lhe a meia-tinta acariciante dum desses filtros que Rembrandt

coloca na cabeça dos Sincicos dos Mercadores, — cinjam-lhe o pescoço com uma lavallière, negra, irreverente, — e aí teem o Senhõr Malhõa, como soe dizer-se em Figueiró, o Mestre Sublime da «odissêa rústica nacional» a trautear um sainete ou a deleitar-los em amenas cavaqueiras.

Da sua obra, tão grande, tão vasta, citaremos sómente as telas principais.

São elas:

*O Homem do gorro*, 1901, que pertence ao Museu de Arte Contemporânea; *A volta da Romaria*, 1901 (pertence ao sr. Honorio de Lima); *O Regedor* (Museu José Relvas); *Descanço do Modelo* 1894 (Museu); *Os Bebados*, 1907 (Museu); *Hortenses*, 1826 (K. Anderson); *Citação á penhora*, 1922; *O Emigrante*, 1918; *O Cigarro*, 1916 (Carlos Sequeira).



Matriz de Figueiró dos Vinhos — A capela-mór possui um admirável retábulo em talha doirada no estilo de D. João V e o célebre quadro do Malhõa «O Batismo de Jesus Cristo»

# O noivado do Cabeço do Peão

LENDA POSTA EM VERSO POR JOÃO DO LYZ

*Focando remota era  
existem na nossa terra  
lendas, lindas, de encantar.  
Lendas de amor, de magia,  
quer surjam à luz do dia  
quer surjam à luz do luar.*

*Lendas de moiras, de fadas,  
de princesas encantadas,  
de heróis, em feras contendadas. . .  
São tão lindas, por sinal,  
que o povo diz: «Portugal  
é uma terra de lendas».*

*Lá vivem as pastorinhas,  
que mais tarde são rainhas;  
e as moleirinhas ditosas. . .*

*Izabel, rainha Santa,  
ainda hoje nos encanta  
co'a sua Lenda das Rosas*

*Pois se assim é, Figueiró,  
terra de sonho, que só  
se lhe pode comparar  
o presepio dum altar  
na belesa sem igual,  
também havia de ter  
uma lenda, pr'a entreter  
numa noite de inverneira  
toda a família, à lareira.  
E afinal. . .*

*Ficára com o passado*

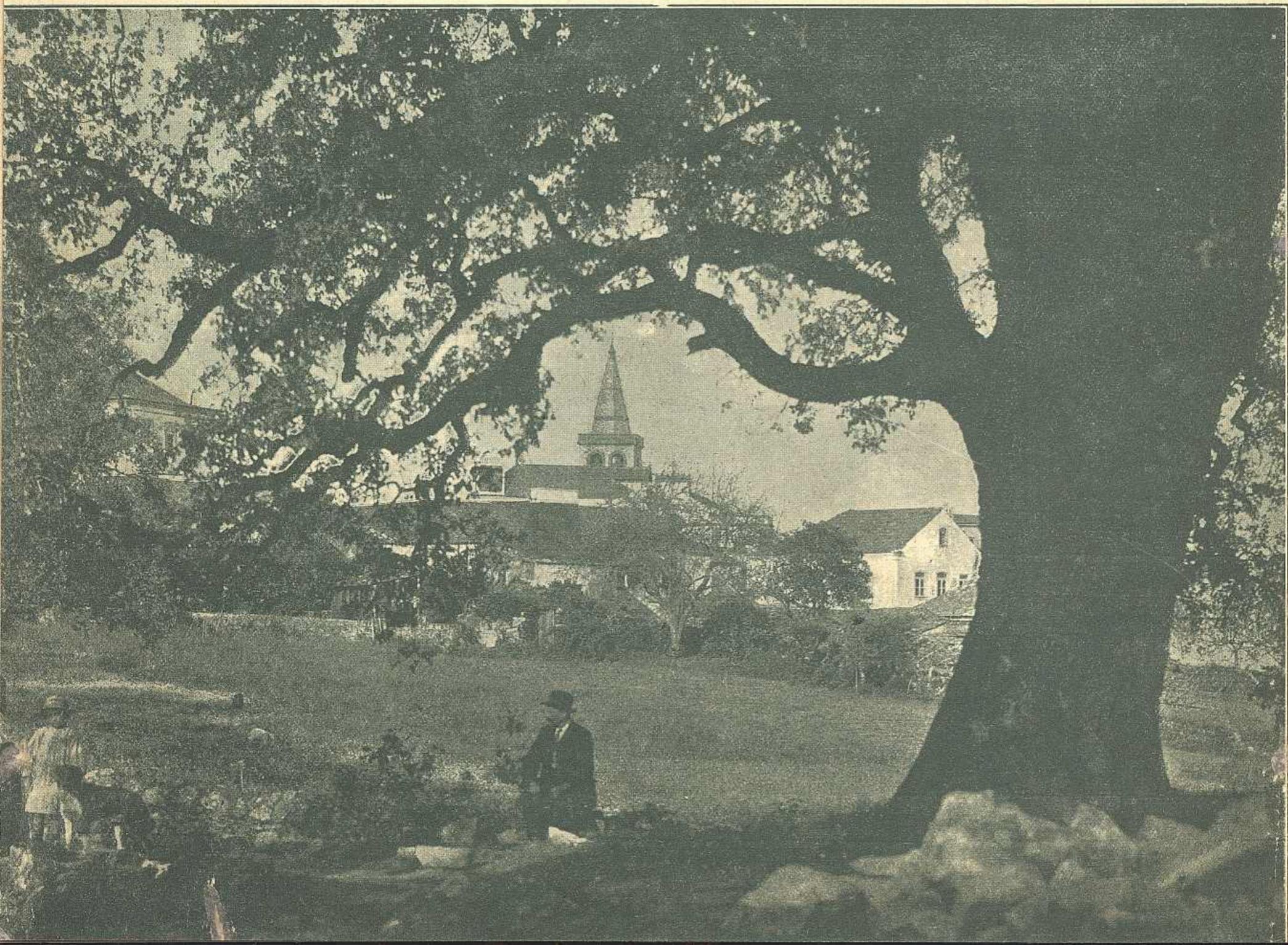
*já perdida em tradição  
Uma lenda:—A do noivado  
do Cabeço do Peão*

*E não havia direito. . .*

*Se é história de maravilha,  
que se perdesse em conceito,  
em conceito popular.*

*Um rei moiro, de Sevilha,  
quiz a linda moleirinha  
que era belesa sem par,  
e que fazia farinha  
lá dentro do seu moinho,  
lá no cimo do cabeço.  
Quiz rouba-la — o rei daninho!—  
levá-la por todo o preço*

Um curioso e típico aspecto da vila. Vista através de um carvalho secular. Cortando o espaço a «silhouette» esguia da torre da Matriz





Figueiró dos Vinhos — Uma das artérias e o adro da Igreja

*Mas não contou o ladrão  
que a tal linda moleirinha  
tão branca como a farinha  
que moía em seu moinho  
já dera o seu coração  
a um heroico «Peão»  
de uma «mesnada» cristã.*

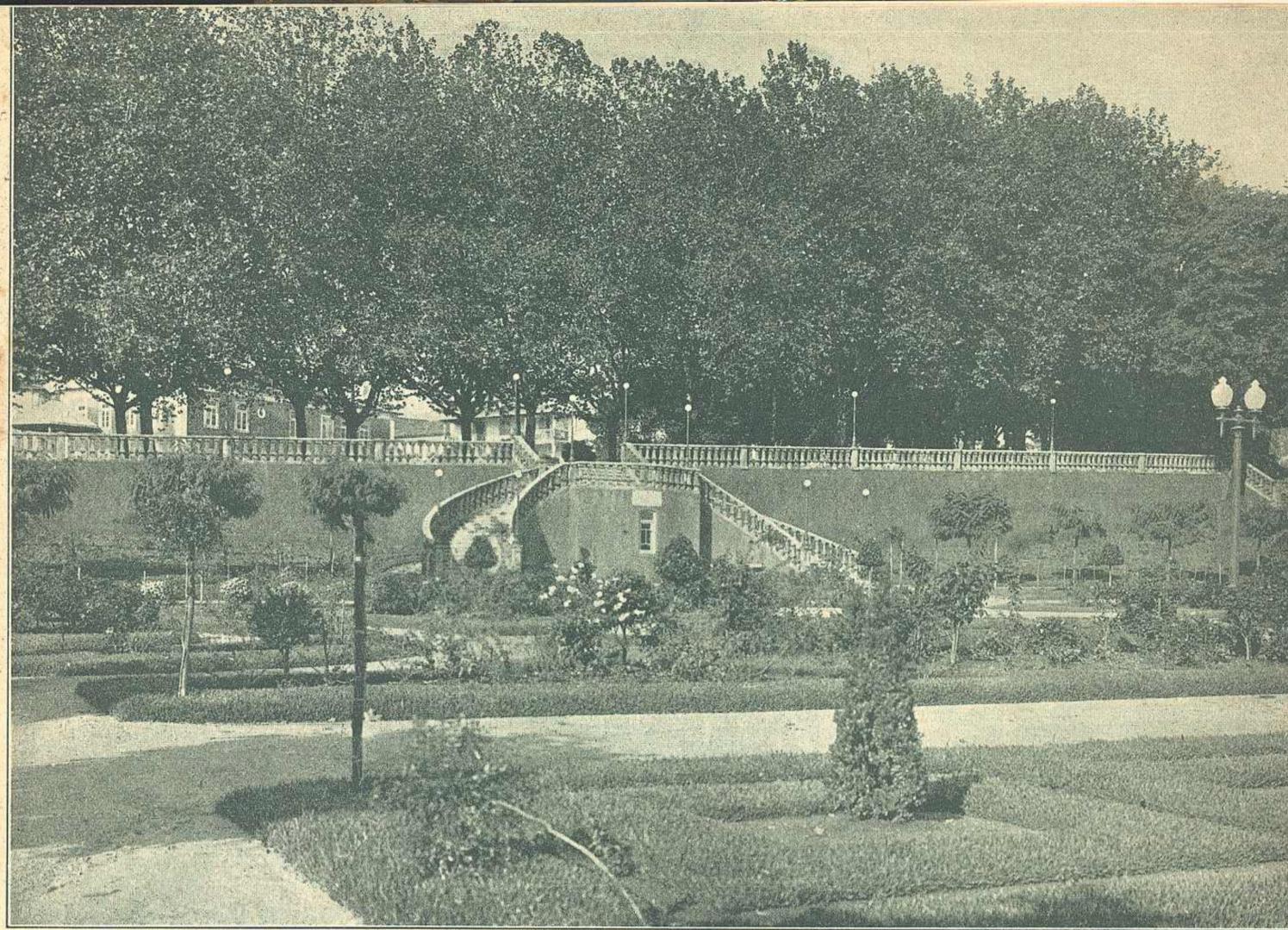
*Foi loucura, pura e vã  
pois não a pode levar;  
nem sequer aproximar  
suas tropas do cabeço  
onde a linda moleirinha  
fazia a branca farinha.  
Nem as curvas cimitarras,  
nem as almas de arremeço,  
puderam colher nas garras  
da morte apagada e vil  
o tal heroico Peão.  
Já dera o seu coração  
à moleirinha gentil  
por isso, ninguém no mundo  
lhe poderia tocar.*

*E o rei vilão, iracundo,  
pretendendo lá chegar  
ao cimo daquele monte,  
dia e noite a batalhar  
não descansava um momento.  
Mas o «Peão» — um portento  
de valentia e valôr —  
mais ágil que o pensamento  
mais veloz inda que o vento  
derrotava-os, num alento,  
dava-lhes «cada calôr!» . . .  
Cada moiro que subia  
cada moiro baqueava  
e não escapou um só;  
que o môço a todos zurzia  
que o môço a todos matava.  
E com valôr e canceiras  
matou mais do que figueiras  
existem pelas ladeiras  
dos termos de Figueiró  
. . . . .  
Venceu o amor profundo  
e a valentia sem par*

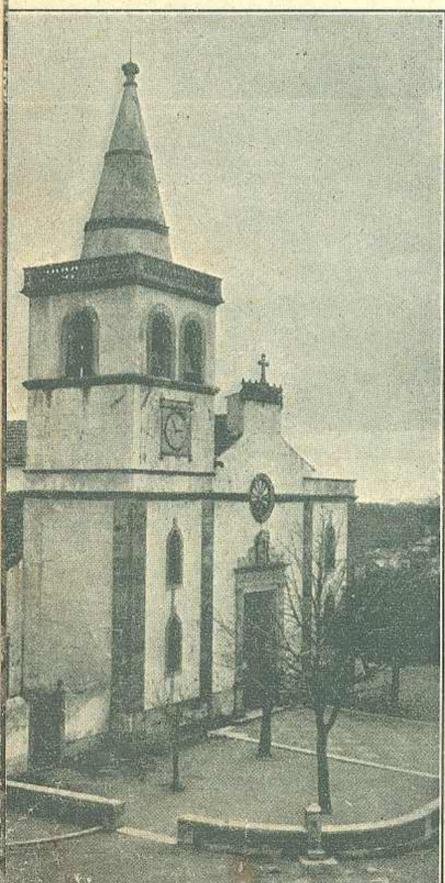
*daquele heroi que, no mundo,  
dia e noite a batalhar,  
conquistou a moleirinha  
tão branca como a farinha.*

*E quando voltou a paz  
com os guerreiros de Cristo  
o danado do rapaz,  
que em combate nunca visto  
vencera mil infieis  
Chamou a gente visinha  
— as Marias, os Maneis —  
e mais o senhor prior  
fazendo ali sua boda  
com a gentil moleirinha,  
unindo o amôr ao amôr*

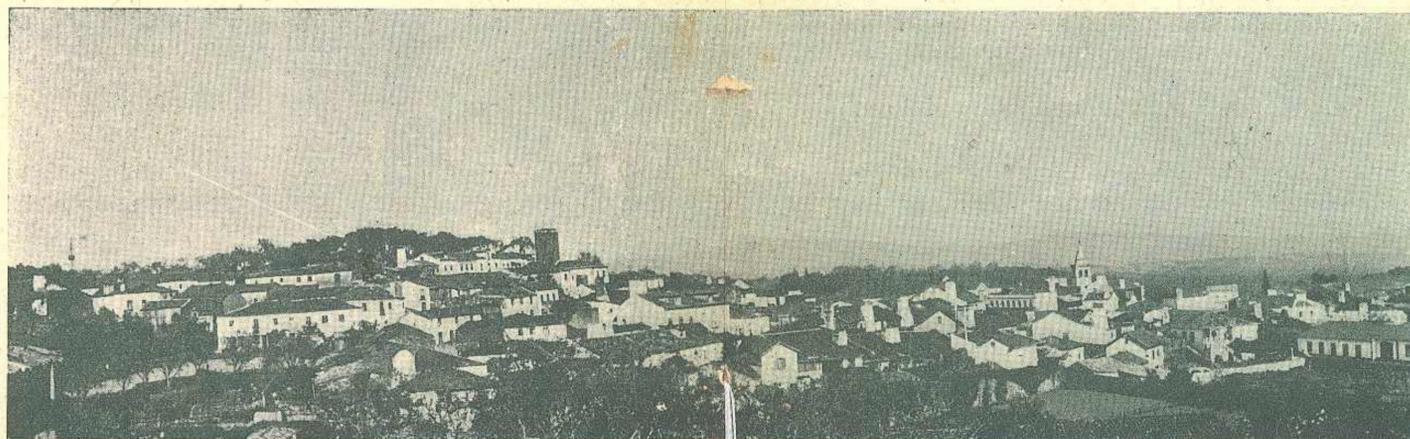
*E foi do feito elevado  
que ali se passou então  
que sempre ficou lembrado  
êsse conto — do Noivado  
do Cabeço do Peão.*



DOIS ASPECTOS DO NOVO PARQUE, CONSTRUÍDO RECENTEMENTE PELA COMISSÃO DE INICIATIVA E TURISMO. PELA SUA ELÊ-  
GANCIA, MODERNO SENTIDO DE ESTÉTICA URBANA E BELEZA, PODERIA FIGURAR, SEM DESDOURO, EM QUALQUER GRANDE CIDADE



OUTRO ASPECTO DA  
FACHADA DA IGREJA  
MATRIZ, EM ESTILO  
RENASCENÇA



VISTA GERAL DA VILA DE FIGUEIRO DOS VINHOS, PITORESCAMENTE  
÷ LANÇADA ATRAVÉS DUMA ENCOSTA DE SUAVE DECLIVE ÷



PÓRTICO PRINCIPAL  
DA MATRIZ, VENDO-SE  
AO CIMO A IMAGEM  
DO PADROEIRO



Pia de água benta com admiráveis lavôres

# Recordando o Passado

## Artigo descritivo de Figueiró antigo

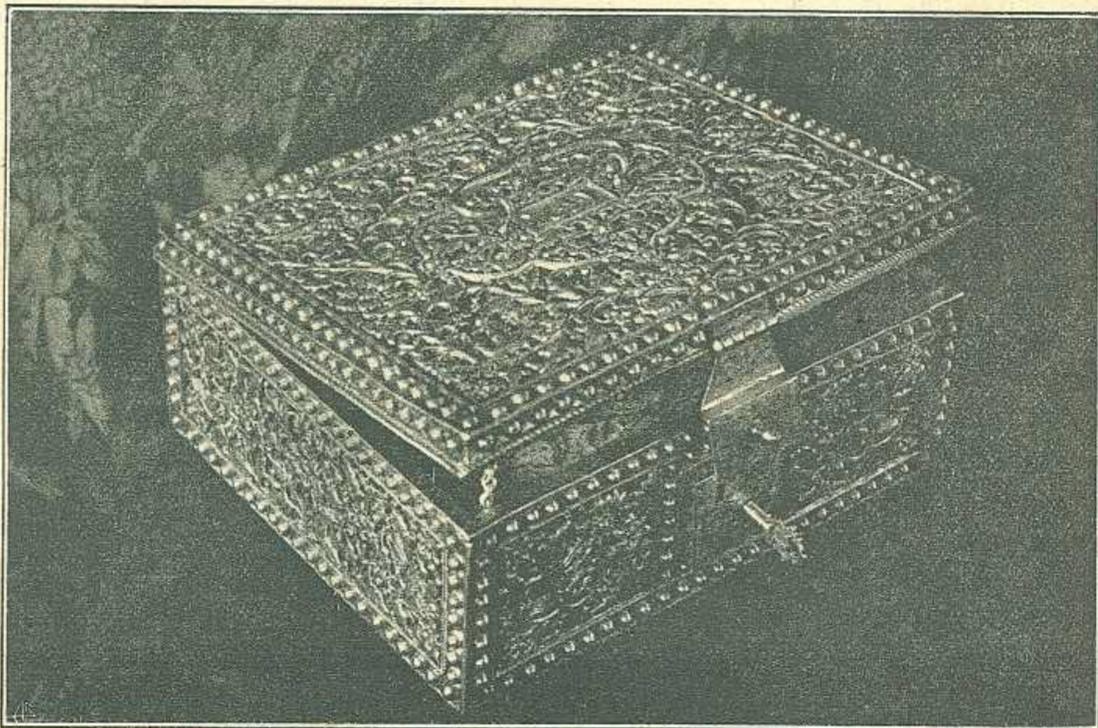
POR

ANTÓNIO D'AZEVEDO LOPES SERRA

**F**IGUEIRÓ DOS VINHOS é vila antiquíssima. Em 783 a 789 já alguém descreveu factos, em obras históricas, respeitantes a esta vila, pelo que se deduz, que a sua fundação foi muito anterior àquelas datas já de si remotas e lendárias.

Desde então até à emancipação da nacionalidade portuguesa, deve Figueiró dos Vinhos ter passado por várias fases de florescência e aniquilamento.

Não se sabe quando foi tomada pela primeira vez, pelos cristãos. Mas D. Afonso Henriques mandou-a repovoar em 1147, e nos últimos anos do seu reinado, durante as terríveis invasões dos mouros, em 1180, foi por êstes novamente ocupa-



Cofre precioso em prata lavrada. Obra indiana de 1651. Igreja Matriz

da e reduzida a ruínas. Tomada anos depois, por D. Sancho I, levantou êste sôbre as suas ruínas uma pequena aldeia.

Aquele monarca, terminadas as guerras de perseguição aos mouros, mandou também colonisar e repovoar a povoação, em 1189, concedendo-lhe o seu foral de vila, que já em 1175, lhe tinha sido dado por D. Pedro Afonso, filho natural do primeiro monarca português.

Assim continua vivendo e progredindo pelos séculos fóra, passando a Idade Média e o renascimento, e entrando na época de hoje.

Pitoresca, interessante, situada topograficamente em excelente posição, foi elevada a séde de julgado em 1835, e a séde de comarca em 1840.

Em 1875 foi suprimida a sua comarca e creada a de Ancião e Pedrógão Grande. Vinte anos depois, em 1895, foi novamente elevada a séde de comarca, devido aos valiosos esforços do falecido Dr. Manuel de Vasconcelos.

A vila apesar-de ser pequena tem alguns edificios públicos dignos de serem visitados, e destes o principal é a Igreja Matriz. É um templo vasto e grandioso, e de estilo, mandado construir pelos frades Crusios, de Coimbra, que apresentaram na freguesia os parocos, com honras de priores. Tem obras de arte e valor. É hoje monumento nacional.

Em 1601 construiu-se, também, o Convento dos Carmelitas,

A sua igreja é pequena, com altares em talha dourada, com motivos de rouquilha e a capela-mór com o tecto em



Capela-Mor da Misericórdia (Convento des Carmelitas — 1601)

(Conclui na página 19)

# Figueiró renovada...

## Dois nomes, uma época e uma obra

**F**IGUEIRÓ dos Vinhos, renovada, renovada a vila, renovado o concelho inteiro, transformada e alindada em meia dúzia de anos, é título que poderá parecer audacioso, deslocado, até, neste «Album de Turismo».

Mas factos incontroversos, sempre o foram, em todas as épocas, em todos os tempos.

Mas um «Album de Turismo» que derrebeve belezas, muitas delas gisadas pelo homem, engrandecidas pelo génio criador e viviificador das coisas naturais, deve apontar ao turista, ao forasteiro, os nomes, as épocas, evocar as figuras que cooperaram nesta obra.

Não é nossa missão citar, apenas, nomes de antanho, curiosos pelo sotaque da pronuncia aos nossos ouvidos; tirados da paz dos tumulos numa envoltura de geneologias brazonadas.

Não! Nem só êsses homens, essas obras, merecem referências — porque são referências posthumas.

Cairíamos em falta, em grave falta, se não trouxéssemos para aqui os nomes, as figuras de hoje, que fizeram essa obra de renovação.

Obras e nomes marcam, ainda, uma época da nossa história contemporânea, época que convém fixar — para amanhã e mesmo assim, em manta de retalhos.

Por tudo isto falaremos, no presente artigo, na obra, na época, nos homens.

Eis a época: Ditadura Nacional — 1926-1933.

Os homens: drs. Martinho Simões e Manuel Simões Barreiros — o primeiro, director geral da Administração Política e Civil do Ministério do Interior; primeiro presidente do Municipio de Figueiró dos Vinhos opóz o movimento do Exército, em 28 de Maio. O segundo, clinico illustre, presidente do mesmo Municipio, na actualidade; presidente da comissão concelhia da União Nacional; presidente da C. I. T.

E a êles que se devem, princi-

palmente, essas obras que vamos apontar, não esquecendo, no entanto, que tiveram alguns esforçados e dedicados cooperadores.

Mas êles foram os animadores dessa obra, os fulcros em torno de quem giraram as realizações.

Figueiroenses por nascimento êles votaram à sua terra o seu melhor esforço. Em prol do seu desenvolvimento puzeram a sua mocidade, a sua tenacidade, a sua inteligência.

E agora, a obra — essa obra de renovação que se fôca sem a colocar em confronto com o desleixo do passado.

O que é que se fez na vila e no concelho de Figueiró dos Vinhos?

Aquilo que passamos a descrever em sintese rápida como convém à indole desta publicação.

\* \* \*

Instalou-se uma central hidro-electrica ficando toda a vila splendidamente iluminada.

Calcetaram-se todas as ruas de menor movimento, macadamizando-se e alcatroando-se as principais.

Construíram-se dois jardins publicos segundo projecto de tecnicos especializados e um dos quais — o Jardim Parque — com os seus modernissimos candieiros de iluminação, poderia figurar, sem desdouro, em qualquer cidade de primeira categoria.

Alindaram-se os principais largos e praças da vila, sendo iluminados por colunas com duplos



Dr. Manuel Simões Barreiros



Dr. Martinho Simões

e modernos candieiros. Entre aqueles, merecem especial destaque os que se denominam «António José Pimenta» e «José Malhã».

Instalaram-se os telefones na vila e nos principais centros rurais, ficando tudo ligado à rede geral do País.

Construiu-se uma estrada municipal da séde do concelho a Campêlo; outra de Aguda à estrada que segue para Pombal; e outra ás Fragas, de S. Simão.

Repararam-se os caminhos de todas as freguesias e entre outros, os de Lavandeira, Carapinhã, Bairrão, Aldeia da Cruz, Alge, etc.

Repararam-se e construíram-se fontes para o abastecimento das povoações de Salgueiro, Aldeia de Ana de Aviz, Lomba da Casa, Aldeia da Cruz, Jarda, Arega, Varzea Redonda, Castanheira, Aguda e Salgueiro da Comba, etc.

Foi construido um esplendido edificio para residencia dos magistrados.

Reparou-se totalmente o edificio dos Paços do Concelho, que ha muitos anos não sofria o menor beneficio, executaram-se melhoramentos em todos os edificios municipais, em todas as escolas do concelho, sendo estas dotadas de novo material pedagógico e didactico, e construíram-se as escolas de Fontão Fundeiro, e Bairrão, e Arêge.

Construiu-se o lavadouro da Fonte das Freiras; fez-se a exploração, captação de aguas para os novos jardins publicos, mandando-se analisar amiudadas vezes as aguas que servem para beber.

Instalou-se o posto de identificação policial, e de tal maneira que foi louvado pelo sr. dr. Balbino Rêgo, o funcionário que o executou; instalou-se a secretaria judicial; secretaria de finanças; criou-se e instalou-se a Agência da Caixa Geral de Depositos; demoliu-se o inestetico edificio da cadeia e construiu-se um outro em local afastado do centro da povoação.

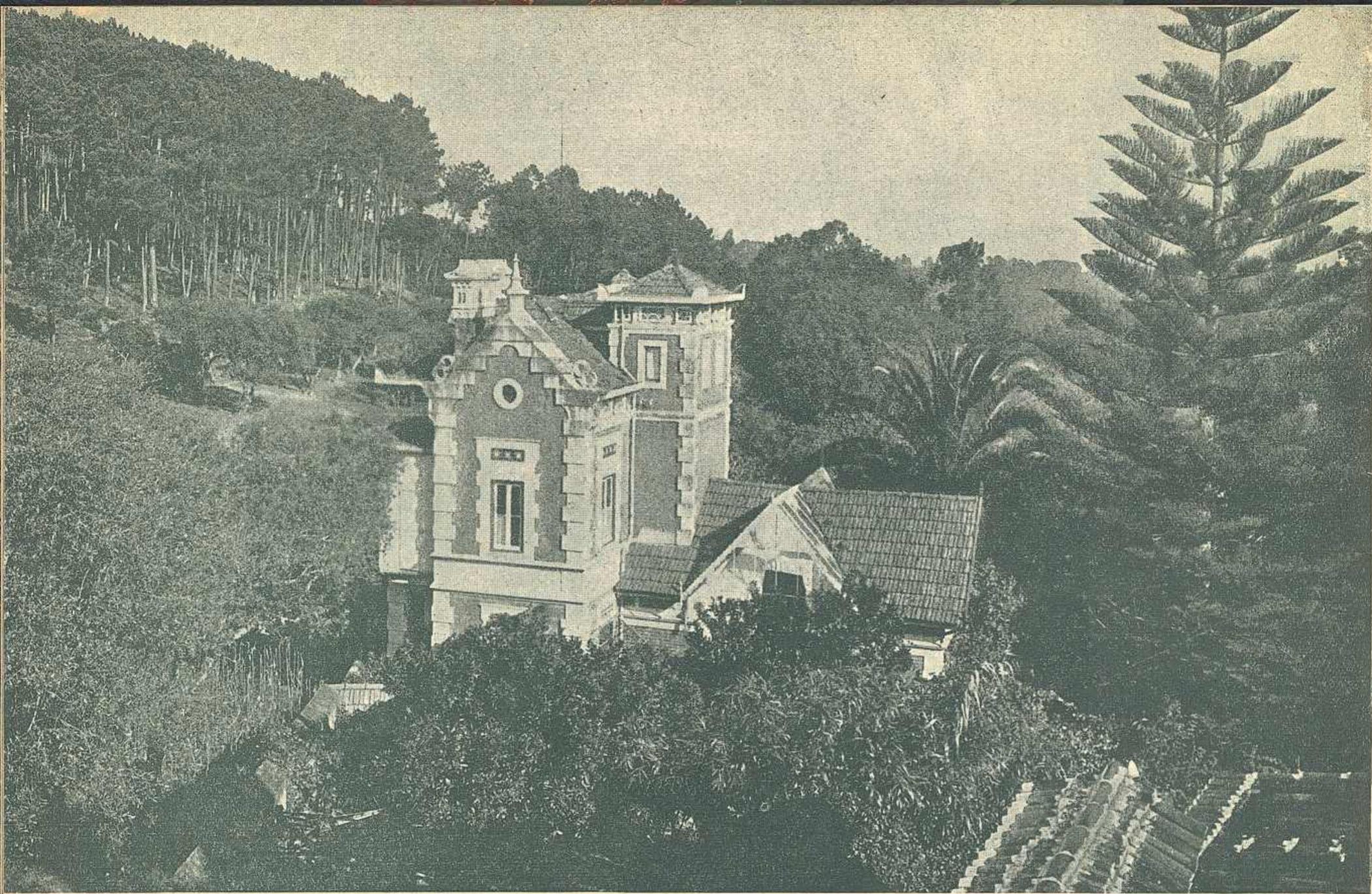
A ponte sobre o Zezere, na Bairrada e com ela a estrada que liga com a Beira Baixa, por Serrache de Bonjardim, foi finalmente construída também. Repararam-se as estradas de ligação com as linhas de caminho de ferro.

Como consequencia disto, surgiu o desenvolvimento do transporte de mercadorias e passageiros, ficando agora a vila de Pombal a menos de duas horas de percurso.

Figueiró dos Vinhos, senhora de inexcelsas belezas naturais, foi, finalmente, e muito justamente, elevada a estancia de turismo.

\* \* \*

Um hospital novo, que será dos



O «Casulo» — casa onde Mestre Malhã viveu e morreu

melhores da provincia, está tambem em vias de conclusão e por cada dia que passa, sem um desfalecimento, continuam a surgir novas obras, novos melhoramentos, —destacamos a ampliação dos Paços do Concelho, em próxima execução e o abastecimento de águas à vila com distribuição aos domicílios —que são outros tantos factores de progresso, de prosperidade, de aumento e desenvolvimento de turismo, de atracção e encanto.

Eis a obra, a traços largos, obra que se patenteia aos olhos de todos.

Agora que descrevemos a fase de renovação por que passou a vila de Figueiró dos Vinhos, tendo progredido mais em 8 anos, do que nos 100 anos antecedentes, citamos mais uma vez como merecem, os nomes dos figueironenses a quem se devem todos os beneficios, os srs. drs. Martinho Simões, director geral da administração politica e civil do Ministério do Interior e Manuel Simões Barreiros, presidente da Camara e da C. da Iniciativa e Turismo.

Eles puderam levar a bom termo a sagrada missão a que se impuzeram de fazer progredir a sua linda terra — terra que é tão linda que foi escolhida com os seus motivos de beleza rara, para *enquadramento* dos quadros e *paneaux* de mestre Malhã, o genial pintor que em Figueiró viveu tentando reproduzir na tela com a perfeição das suas mãos privilegiadas, as maravilhas que o cercam — a grandiosidade sublime das serranias, o verde forte da vegetação que cresce nos contrafortes dos montes, o espumar rendilhado das aguas caindo de penhasco em penhasco, a beleza sãda das môças da região,

## MALHÃ

(Conclusão da página 8)

*xinois*. (Carlos Seixas); *O Fado*, 1910 (Camara Municipal de Lisboa); *O Mestre Escola*, 1905 (Museu João de Deus); *A Compra do Voto*, (Posser de Andrade), *Cuidados de Amor*, 1895 (Oliveira Monteiro); *Basta meu pai*, (Agostinho Fernandes); *Saboreando*, (Duquesa de Palmela); *Aboboras*, (Museu); *A Procissão*, 1918 (Julião Machado); *Marinha*, (Museu Grão Vasco); *Vou ser mãe*, 1923 (D. Vasques); *A apoteose da lagosta*, (Leão de Ouro); *Milho ao Sol*, (Museu Grão Vasco); *O Beijo*, (Custódio Cabeça); *Os Dois Amigos*, (Museu); *Rainha D. Leonor*, (Caldas da Rainha); *Que lindo o nosso Menino*, (Gonçalves de Moraes); *Saboreando*, 1914 (Duques de Palmela); *O Carricho*, 1926 (Borges de Sousa); *Velha fiando*, (D. Cacilda Ribeiro); *A Seara Invadida*, 1881 (Alfredo da Cunha); *O Primeiro Melão*, 1896 (Marqueza do Alegrete);

*A chegada do Zé P'reira*, *A Corrar a roupa*, 1928; *Ultimos Raios de Sol*, 1919; *Uma Velha em Figueiró*, (Jorge Monjardino), etc etc.

E há muitas outras, e há muitas mais, Tantas que a simples indicação dos títulos, neste «Album», enche-lo-hiam todo de lés-a-lés.

E assim foi este pintor formidável de quem disse alguém, se referindo-se dos seus quadros preciosos:

*Tudo isso que é alma, o Corpo e o Sangue dum Portugal-Maior, Malhã ergue, levanta e sublima em apoteoses gritantes de fé, de entusiasmo, de sol e de vida.*

Assim foi Malhã que se finou no seu «Casulo», a que tanto queria, em 25 de Outubro de 1933.

Assim foi o Mestre que sobre — ser um pintor da terra portuguesa, um pintor do povo e da sua alma — foi, acima de tudo, um animador, um divinizador das belezas da paisagem de Figueiró dos Vinhos onde perdurará sempre a sua memória, envolta num pretoito de enternecida saudade.

# Recordando o Passado

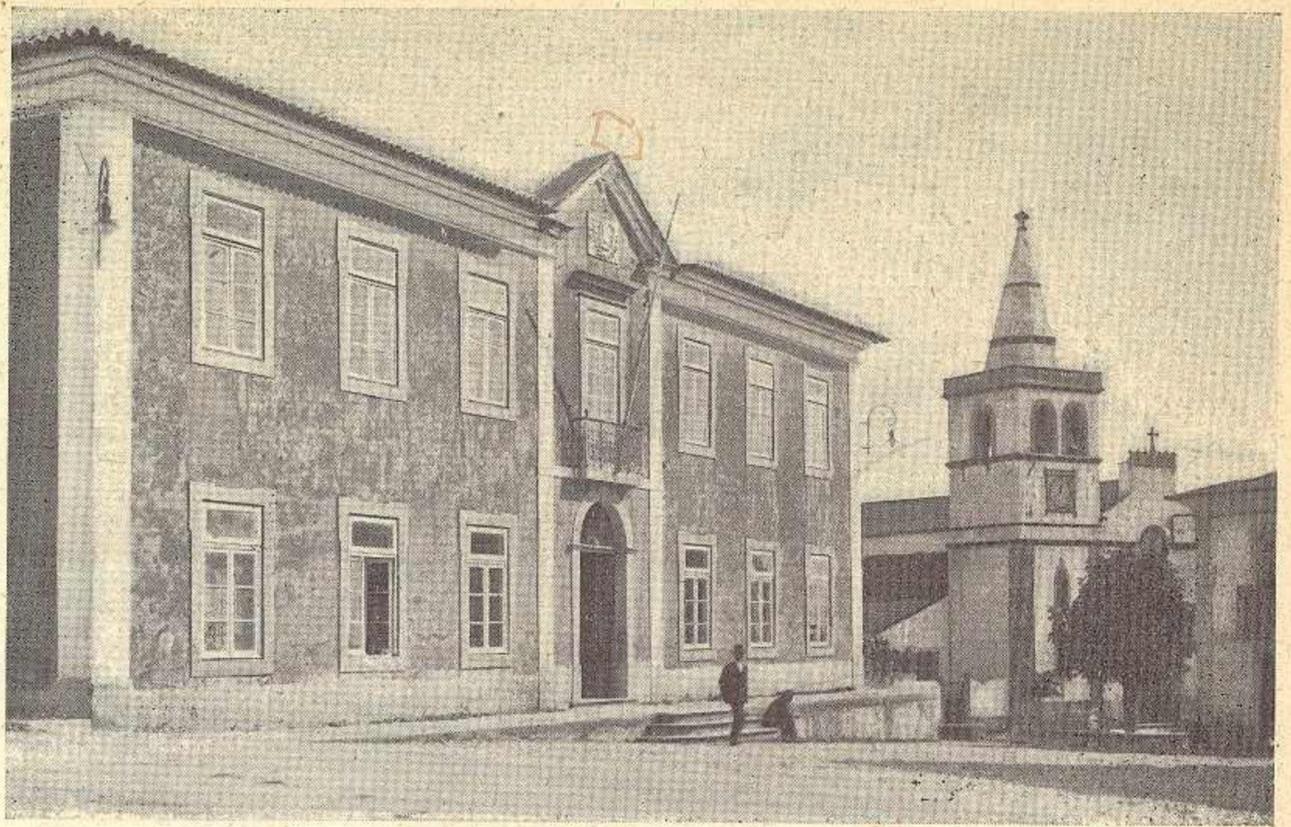


(Conclusão da página 14)

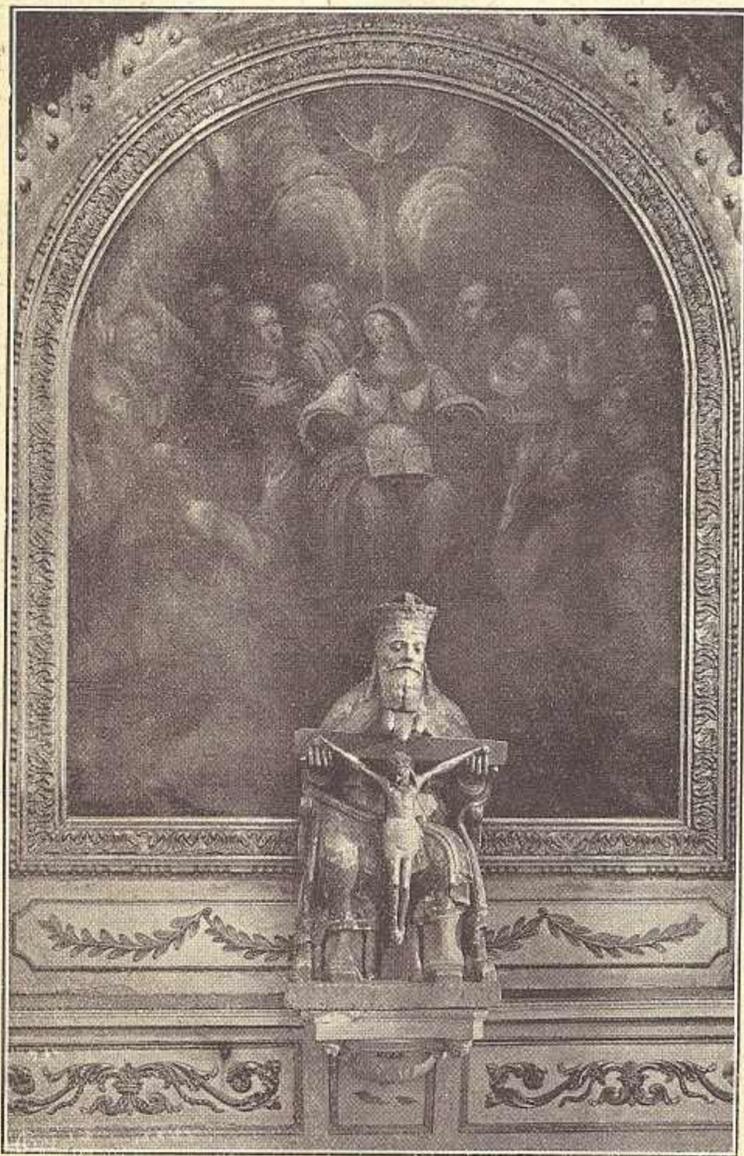
abóbada esférica. E padroeira N. S. do Carmo e merece ser visitada por turistas. Teve outro convento de frades, construído em 1549. Os únicos vestígios que hoje existem d'ele são os muros da sua cêrca, à Ponte das Freiras.

Possuiu também o edifício da Misericórdia, com o seu templo, no local onde hoje se erguem os Paços do Concelho, construídos em 1874, também por iniciativa e esforço do citado Dr. Manuel de Vasconcelos.

A Misericórdia e hospital passaram para uma parte do velho



Edifício dos Paços Municipais de Figueiró



«A Santíssima Trindade»—preciosa imagem do século XIII

convento das Carmelitas, cedido pelo Estado para êsse fim. Tem também edifícios particulares com braçoes, o que demonstra que esta vila foi habitada por alguns nobres e fidalgos. Pelas sepulturas existentes na capela mór da igreja do convento e pelo túmulo que está na igreja matriz se verifica que nem só foi habitada por nobres e fidalgos como serviu também de berço a muitos d'êles.

Tem esta vila progredido bastante des-

de 1874 para cá, em novas construções e desenvolvimento comercial e agrícola.

Exporta: madeira, cortiça, entrecasco de sobreiro, azeite, carvão e algum vinho. As suas vias de comunicação também se desenvolveram, o que tem concorrido para o seu geral progresso, salientando a variante que rasgou a vila, transformando-a e dando logar a poder alargar a sua área pobre e acanhada, melhoramento êste também devido ao Dr. Manuel de Vasconcelos.

Pertence ainda ao Figueiró antigo a construção do Club e a reconstrução da igreja matriz.

Tem êste templo obras de arte dos laureados artistas José Simões de Almeida (tio) mestre da escultura portuguesa, natural desta vila e do sublime artista, pintor, José Malhóa, que tomou Figueiró dos Vinhos por sua terra adotiva, e ali passou até morrer. uma grande parte do ano no seu «casulo»—chalé— que é um verdadeiro encanto com o jardim e horta.

ANTÓNIO D'AZEVEDO LOPES SERRA



Jesus, Maria, José—três figuras admiráveis dum presépio do Natal, feitas por Machado de Castro



VISTA PARCIAL DA IGREJA MATRIZ DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

# FIGUEIRÓ

## estância de turismo

(Continuação da página 3)

Graças à nova estrada que foi aberta através da serra, serve hoje Figueiró dos Vinhos a estação da Louzã, que fica a 41 quilómetros de distância.

Não só a vila, como toda a região constituem um lugar privilegiado para o repouso sadio e fortificante, para os turistas que se extasiam, na paz doce dos campos e com as maravilhas da prodiga natureza.

E' ali — diz o «Guia de Portugal» — um lugar eleito para repouso e peregrinações.

São os campos férteis, sombreados por pinheiros, encalptos, castanheiros e olivais.

Descem para os vales, despenhando-se em multiplas cascatas irisadas, numerosas ribeiras que cantam, num rumor de águas vivas, fazendo mover aze-nhas primitivas e prosperas fábricas de fiação.

O Zezere corre, em apertado leito, por entre uma paisagem de beleza imponente e selvagem — inegua-lável.

Há campos de milho, no fundo dos vales, e vi-nhedos imensos, carvalhos, cerejeiras e figueiras nas encostas junto da vila.

Pontes rústicas, lançadas sobre as ribeiras, dão ao ambiente um aspecto cénico e teatral.

Há flores mimosas pelas sebes e valados e um perfume suavissimo envolve tudo e todos.

Os aldeões cultivam a terra com carinho e ternura, abrindo os valados das regas e saudando des-barretados o visitante que passa.

Numerosas são as aldeias dessiminadas pelas colinas. E algumas ostentam nomes pitorescos, cantantes, que soam bem aos nossos ouvidos e cuja etimologia é desconhecida, talvez para os próprios habitantes.

Aldeia Cimeira, Aldeia Fundeira, Ana de Aviz, Chão de Couce, Pousa Flores, Fontainhas, Lavadeiras e muitas mais.

Mas não é só a região de maravilha que estamos focando, que trouxe a Figueiró o justo titulo de estância de turismo.

A própria vila, extraordinariamente desenvolvida e modernizada, nos ultimos anos, merece bem uma demorada visita, pois encerra multiplas preciosidades dignas de relêvo e atenção.

E, limpa e muito lavada de ares, tendo um sentido geral de estética e urbanização que não é fácil encontrar em muitas mais.

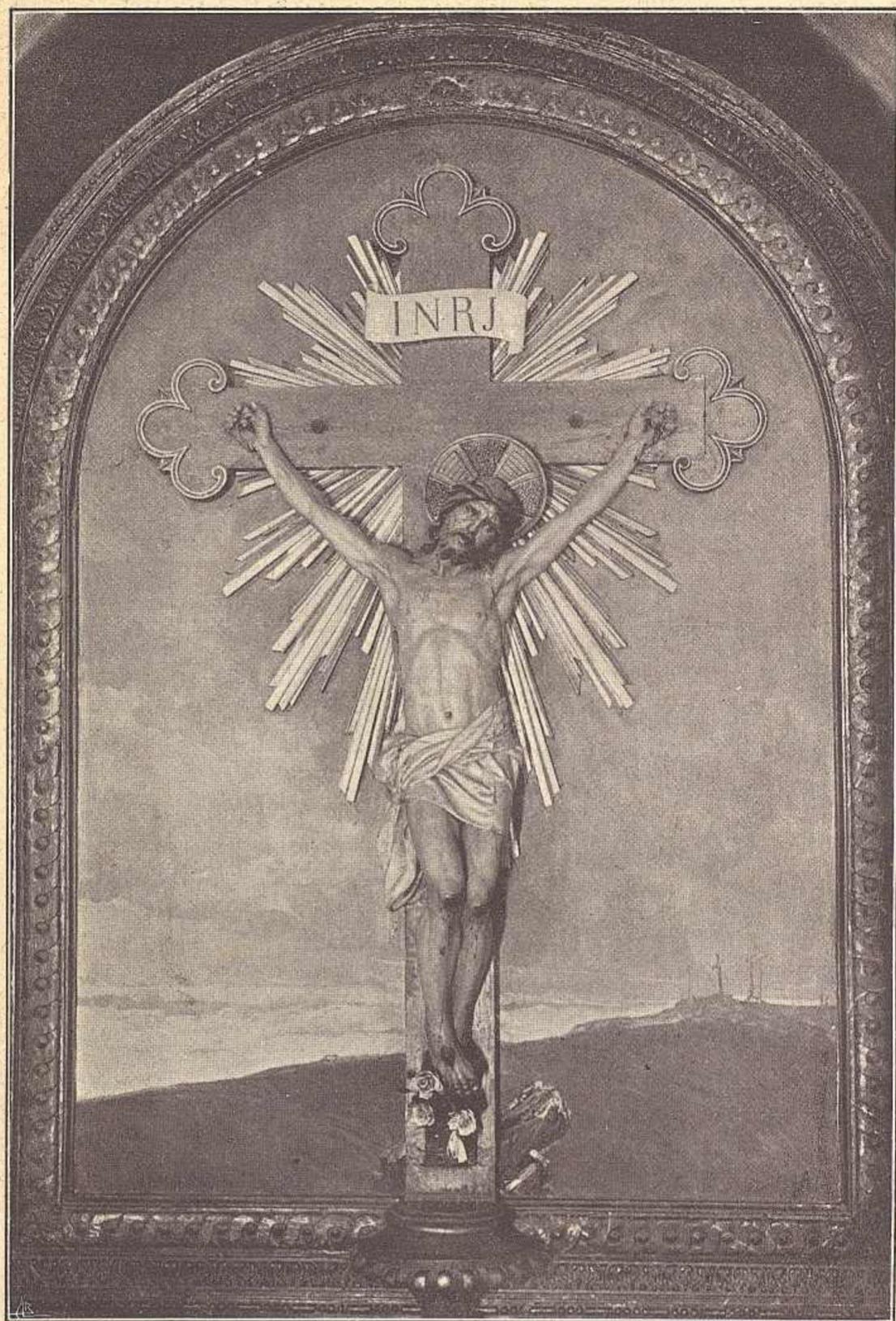
Destacam-se ali muitas edificações de bom estilo erguidas com fino recorte arquitetónico e entre as quais recordamos as que se denominam do «Padre Arcipreste» — em fino estilo português — e o «Casulo», do saudoso mestre Malhõa.

A igreja paroquial é tambem um templo digno de menção.

(Continua na página 22)

Uma das avenidas da vila de Figueiró dos Vinhos





«Senhor Jesus da Agonia» — escultura de Simões d'Almeida, Tio, encarnada por Malhõa

O primeiro foral da vila de Figueiró dos Vinhos foi-lhe concedido, em 1174 ou 1176, por D. Pedro Afonso, filho bastardo de D. Afonso Henriques, 1.º rei de Portugal.

Em 1180, Ismael, rei moiro de Sevilha, invadiu o então pequeno reino portocalense e destruiu a vila — que foi retomada pouco depois.

No ano de 1187, e pelo facto atraz descrito, Figueiró era apenas uma aldeia sujeita a Pedrógam Grande.

D. Sancho I elevou-a, novamente, à categoria de vila confirmando o primitivo foral dado por seu irmão, com muitos privilégios para os habitantes.

D. Afonso II voltou a doar-lhe mais privilégios, em Santarém, no ano de 1218.

D. Manuel I, na revisão geral que fez em todos os municípios do país, doou-lhe um foral seu, passa-

# Alguns dados históricos

## sobre a vila e seu termo

do em Lisboa, aos 14 dias de Abril, de 1514.

Desde então até hoje a vila tem sempre seguido num desenvolvimento crescente, sendo elevada a categoria de comarca em 1840.

Hoje é uma das mais importantes do districto de Leiria.

E' notável a transformação porque passou após o ano de 1926.



«Infante D. Henrique». — monumento esculpido por Simões d'Almeida, Sobrinho



# Major Neutel Martins Simões de Abreu



Major Neutel de Abreu

Quando se fala nessa falange de homens valorosos, que no nosso Império Colonial souberam manter bem alto o nome e prestígio português, nas multiplas campanhas que ali deflagraram durante os primeiros vinte anos do século actual, não é licito esquecer o nome do illustre militar, major Neutel Martins Simões de Abreu, natural de Figueiró dos Vinhos, que foi um dos mais heróicos soldados dessas campanhas, tendo batalhado e servido durante largos anos em terras africanas.

A sua folha de serviços é plena de citações e de louvores e no seu peito, constelado de medalhas, brilha a mais alta condecoração portugueza — a Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

Tendo assentado praça no ano de 1888, como voluntário, foi promovido a alferes em 30 de Dezembro de 1901.

No ano de 1903 fez parte da coluna de operações a Matadane e Selege; em 1904, toma parte em nova campanha na região de Matibane. E é, nesse mesmo ano, promovido ao posto de tenente. Exerce o cargo de comandante militar de Moginqual, merecendo sucessivos louvores e sendo nomeado, mais tarde, capitão-mór de Macuana.

Em 1910 é promovido a capitão, tomando parte, nesse mesmo ano, nas operações de Angoche. E logo a seguir, em 1912, comanda as forças em operações contra o régulo Napaua — que submeteu.

Surge o ano de 1913 e com êle a campanha contra os Namarraes. O major Neutel de Abreu toma parte nessa campanha, comandando uma coluna organizada na Macuana.

E' nomeado capitão-mór interino de Mossuril e reconduzido na capitania anteriormente citada.

Vem, entretanto, a guerra europeia e a campanha, em Africa, contra os alemães.

O illustre militar figueiroense desembarca em Palma, á frente de 3 500 auxiliares indigenas, para cooperar com as forças expedicionárias, idas da Metrópole. Conserva-se por lá até Ja-

neiro de 1917, data em que regressa a Moçambique.

Em Março desse ano, está presente em Mocinho da Praia, comandando o 2.º e 3.º grupos de auxiliares e cipaio, que fizeram a ocupação dos Makondos e cooperaram com as forças expedicionárias metropolitanas.

Em 24 de Agosto desse mesmo ano é promovido ao posto de major. E em 15 de Janeiro de 1920, regressa ao continente — à sua linda terra — julgado incapaz pela junta provincial.

No peito do major Neutel de Abreu brilham — como já dissemos — numerosas medalhas e condecorações. Contam-se, entre elas:

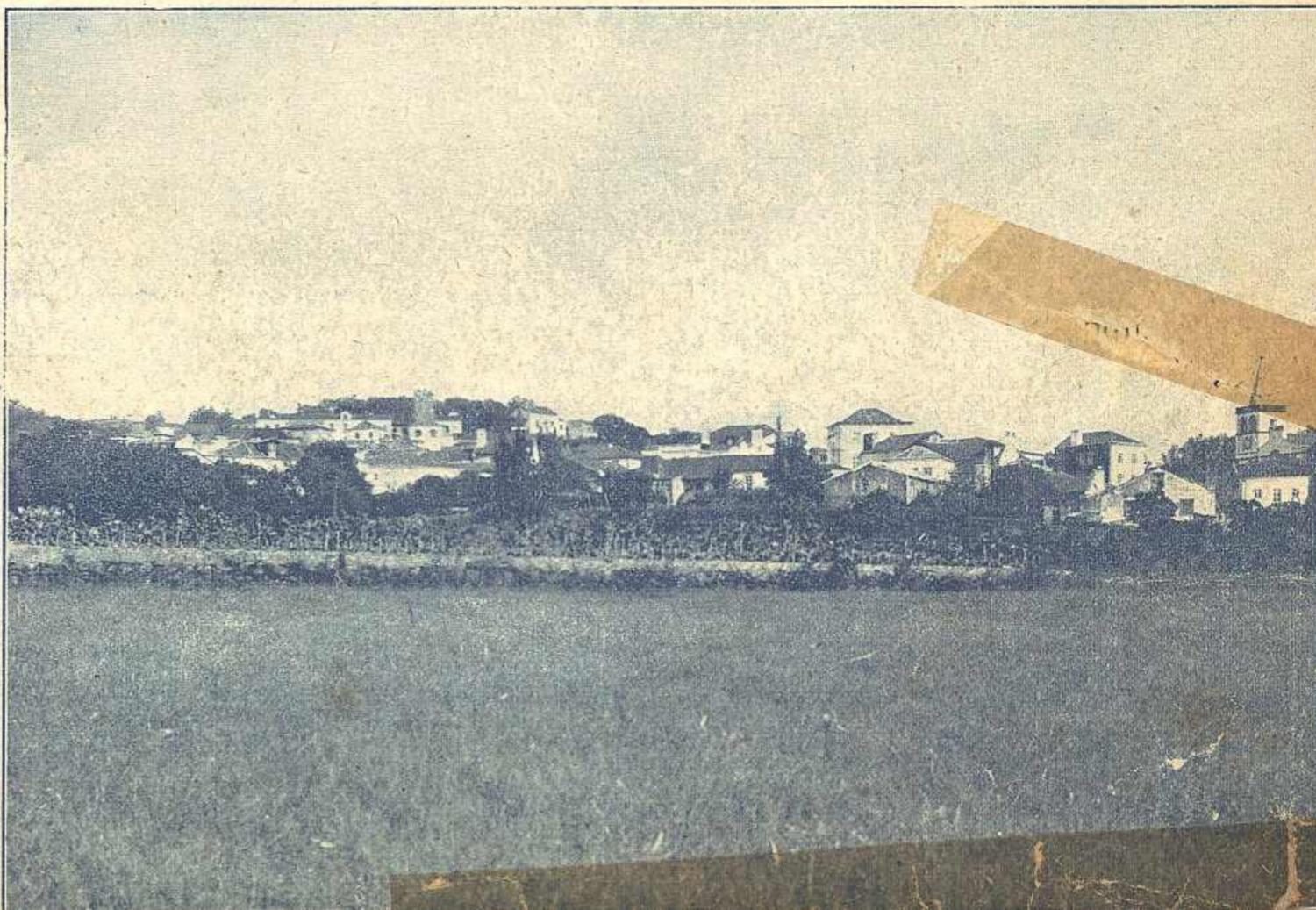
A Comenda da ordem militar da Torre e Espada, de Valor Lealdade e Merito; Comenda da ordem militar de S. Bento de Aviz; Medalha de Valor militar; medalha de Bons Serviços — com palmas; medalha de ouro de Comportamento Exemplar; medalha da Victoria; medalha de ouro de Serviços Distintos ou relevantes em substituição de duas de prata da mesma classe; medalha de ouro de Assiduidade de serviço no Ultramar; medalha de prata da ocupação de Moçambique, 1906 a 1913; medalha da Rainha D. Amelia da ocupação de Angoche, 1910 e medalha de prata comemorativa das campanhas do exercito Português, com a legenda Moçambique 1914-1918.

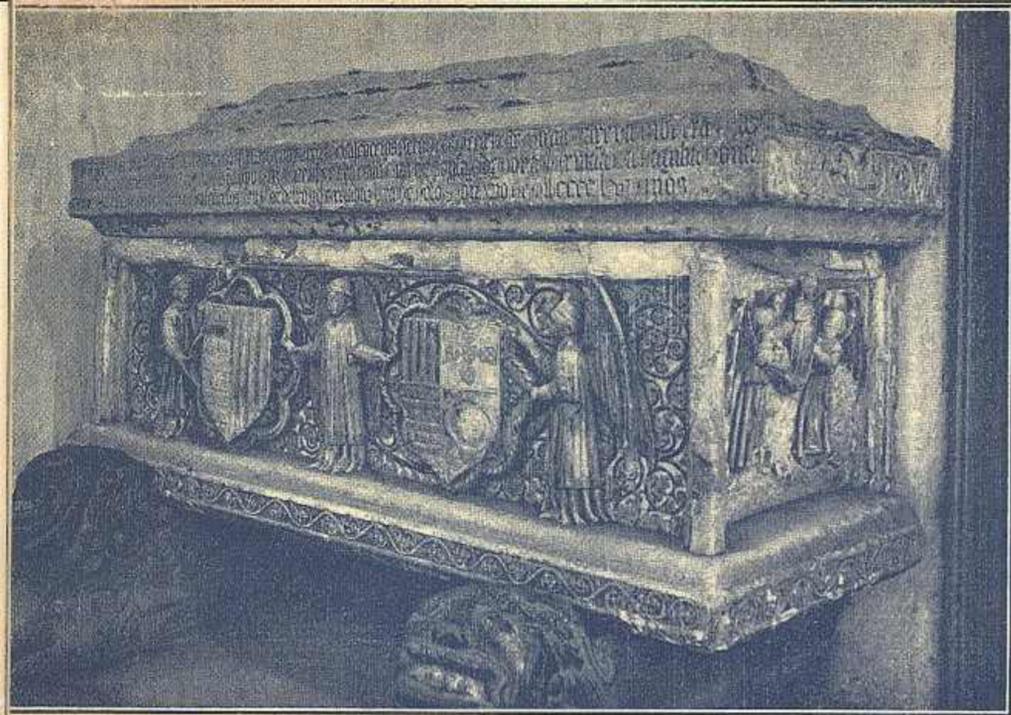
Os seus louvores são multiplos e elogiosissimos.

E' esta a biografia sucinta e resumida, como não podia, aliás, deixar de ser, atentando à escassês de espaço com que lutamos neste «Album».

Mas o que fica dito é mais do que suficiente para assinalar tão alta e prestigiosa figura militar — que hoje vive tranquilamente, nessa paz e encantamento que se encontram na sua terra natal — terra que o estima, e acarinha, e cerca de respeito.

Um aspecto parcial da villa de Figueiró dos Vinhos





O tumulo de Ruy Mendes Vasques, na Matriz

## Figueiró dos Vinhos estância de turismo

(Continuação da página 17)

A fachada é elegante, com a sua tórre ponteguda, num sentido de equilibrio justo.

O portal é caracterizado pelo estilo Renascença, tendo em cima, em um nicho, a imagem do padroeiro — S. João Batista — devida ao cinzel de Simões d'Almeida (Tio), que de Figueiró foi natural.

Dentro, o templo, que é de remota antiguidade, abre-se em três naves de cinco tramos sendo a abóbada sustentada por oito formosas colunas graníticas, com muita elegancia e simetria.

Tem a igreja seis altares.

O altar-mór possui finissima talha doirada, em estilo D. João V, que serve de *encadrement* ao magnifico quadro de mestre Malhóa, quadro que tem 4,70 metros de alto por 2,70 de largura e representa o «Batismo de Cristo».

Só esse quadro, que é obra prima do mestre, merece uma datalhada e minuciosa observação do visitante. Este chegará ao final sem saber que mais há-de admirar: se a poesia sobrenatural que dimana das duas figuras, se as tonalidades suavissimas que encerra o biblico ambiente da obra.

Num outro altar está a imagem do «Senhor Jesus da Agonia», um Cristo precioso, que Simões d'Almeida esculpiu e Mestre Malhóa encarnou, Cristo que está reproduzido na capela de Herculano, no Mosteiro dos Jerónimos. Ainda neste altar e servindo de fundo à escultura sagrada, está um retabulo de Malhóa, de tons sombrios, alucinantes, reproduzindo Calvário e vendo-se ao longe, num último plano, as cruces dos que acompanharam o Divino Jesus no suplício.

Na Igreja Matriz patenteiam-se ainda: uma imagem, gotica, da Santissima Trindade, que é preciosa reliquia do Século XII; sumptuosos paineis de azulejos do Século XVIII (1716), representando cenas bíblicas; um cofre de prata cinzelada, graciosa e finamente trabalhado por artifices indianos —; no côro um órgão datado de 1689; uma pia de água benta que foi cinzelada pelos canteiros locais

Ainda neste templo, á entrada, do lado direito, está o túmulo de D. Ruy Mendes Vasques e de sua mulher, com a seguinte inscrição:

*Aqui jaz o muito honrado cavaleiro D. Ruy Mendes Vasques, filho de Ruy Mendes de Vasconcellos, neto de Gonçalves Mendes e D. Tereza Ribeiro — de D. Violanta de Sousa, sua mulher, filha de D.*

*Lopo Dias, mestre de Cristo, neta de D. Alvaro Dias de Souza e de D. Mercia, irmã da Rainha D. Leonor; os quaes Jorge Rodriguez de Vasconcellos, seu filho, herdeiro, fez para aqui trasladar na era de N. S. Jesus Christo, de 1456.*

O tumulo é de pedra lavrada, do principio do Século XV. Alem de outros ornatos, muito formosos, veem-se os brazões de armas das familias dos nobres falecidos, amparados por figuras esculpidas em alto relêvo, assentando o sarcofago sobre quatro cabeças de leões.

Eis a descrição sucinta da igreja matriz de Figueiró dos Vinhos, que é preciosa, como se disse, sob todos os aspectos.

Mas o passado, embora em monumentos de menor importância, deixou ali gravadas diferentes épocas.

Num antigo castelo — que se supõe fundado pelos moiros — fez seu solar o 1.º Marquez de Castelo Melhor, neto do famoso e sábio ministro de D. Afonso VI.

E dêsse castelo, hoje perdido, ainda se vislumbra algumas denegridas e quasi despercebidas ruínas

Existe tambem uma tórre contigua ao edificio da antiga cadeia, que foi erguida no ano da graça de 1555 e tem esculpida a seguinte inscrição deveras curiosa:

*Esta torre foi mandada construir em 1552, sendo juizes D. Diogo da Aguda e Garcia Rodrigues; vereadores Nuno Martins e Afonso Esteves; e procurador Pedro Rodrigues, estando o vinho e o pão a 70 reis.*

Tal como se descreve na parte de Figueiró antigo, incerto noutro local deste album, pôde verificar-se da existencia, no passado, de outros templos e estabelecimentos monasticos que se perderam na sua traça primitiva, vitimas das rudezas inclementes dos tempos e de sucessivas adaptações a outros fins.

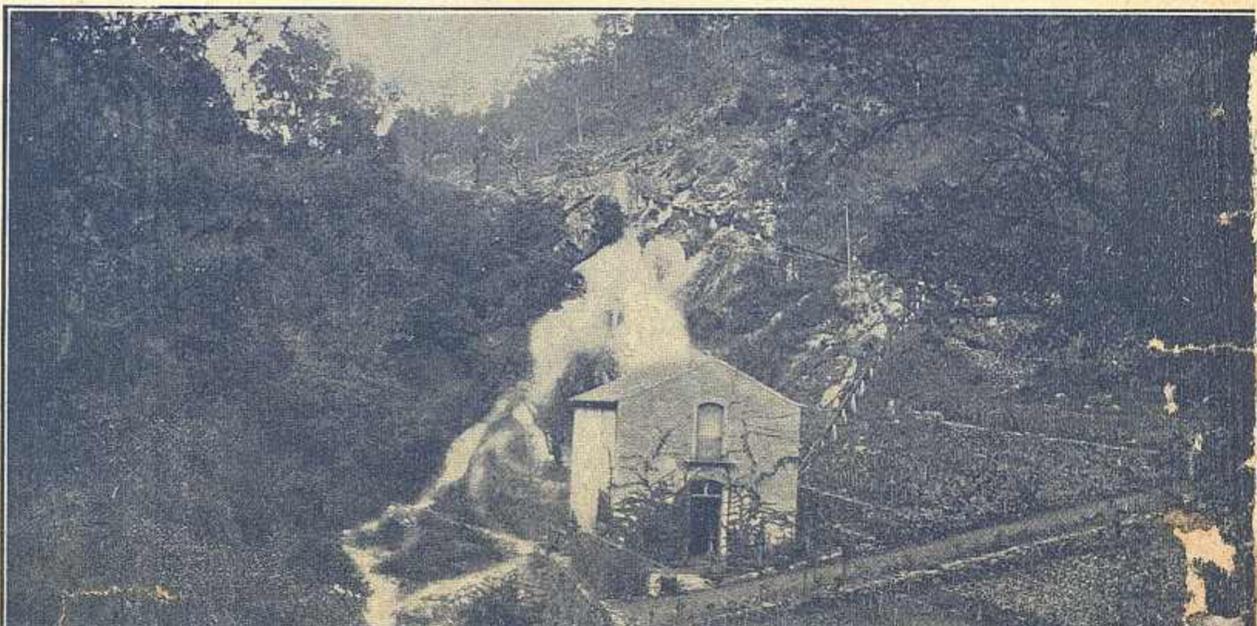
Assim, dão-nos conta, velhos documentos, que o vigario-frei Antonio d'Evora, auxiliado por D. Pedro d'Alcaçovas e Vasconcelos, instituiram um convento de freiras carmelitas no ano de 1601.

Quatro senhoras da vila de Figueiró — D. Izabel da Conceição; D. Ana de Jesus; Justina do Salvador e Catarina da Conceição — tambem no ano de 1549 fundaram um convento de terceiras franciscanas.

E do que sucedeu a essas casas conventuais encontrará o leitor sucuito relato no artigo que o erudito da localidade sr. A. Serra, quiz gentilmente escrever para este album de turismo.

Mas o forasteiro, ainda dentro do perimetro da vila, tem muitas outras coisas que vêr e admirar.

Citaremos em primeiro lugar o novo parque,



construído pela Comissão de Iniciação e Turismo local e concluído há cerca de dois anos.

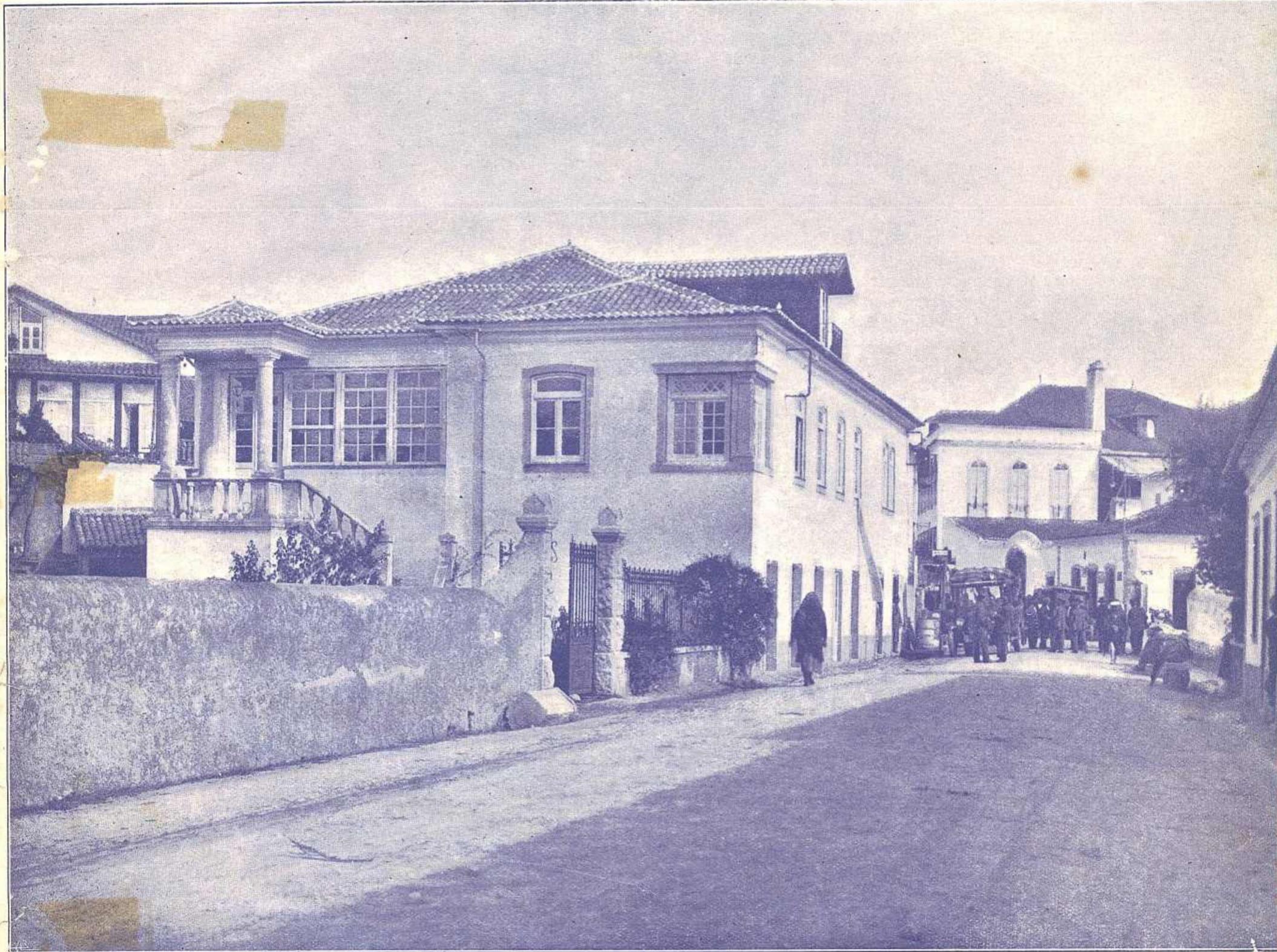
É esse parque um verdadeiro mimo, com os seus canteiros traçados num rigor matemático de simetria e tendo um lago de cada lado.

Desce-se para o parque por uma escadaria, elegante, que se bifurca ao fim do primeiro lance, baixando, suavemente, em semi-círculo.

Uma elegante balustrada de branca cantaria circunda esse parque, onde vicejam, na época própria flores policromas e perfumadas, e onde candieiros modernos dão uma luz difusa iluminando suavemente, durante a noite.

Nesse lugar, para onde se sobe por uma estrada torcicolada, cheia de caprichosas curvas, existe uma capelinha branca, votada a Santo António, e lá existiu, outróra, um moinho — talvez irmão muito mais novo daquele outro, de que fala a formosa lenda do *Noivado do Cabeço do Peão*, inserta neste album e posta em verso pela pena anónima de *João do Lyz*.

De lá de cima avista-se um panorama esplendoroso e admirável. Para o Oeste estendem-se as serras alcantiladas de S. Neutel e de S. João. Aos pés um vale profundo com vinhedos, milheirais, eucaliptos e pinheiros. Uma sinfonia de côr, uma sinfonia



*Uma das principais arterias da linda vila de Figueiró dos Vinhos*

Antecedendo o parque, existe uma magnífica avenida com dezenas de platanos frondosos e como pano de fundo, de todo este cenário de maravilha, avista-se uma vegetação luxuriante, cobrindo os vales e as colinas, por todos os lados para onde nos voltamos.

Existe ainda, próximo do edificio dos Paços Municipais, um outro jardim público, mais pequeno, recém-construído, com os canteiros muito alinhados e bem dispostos.

Coroando a casaria da vila, pelo poente, está o afamado Monte do Peão, lugar dominante, a 539 metros de altitude, sobre o nível do mar.

de luz!

Para Leste perdem-se as amplidões das Beiras. Vêem-se Sernache do Bom Jardim; Pedrogam Grande e Pedrogam Pequeno, separados pelo abismo do Cabril, formidavelmente belo e selvagem. Ainda mais além, como se a natureza se tivesse comprazido em colocar ali todo o esse cenário imensamente maravilhoso, cenário que nos faz pensar, meditar, no poder omnipotente de Deus, avistam-se mais as serras de Vila Rei e Muradal. Para o Norte está a serra da Lousã — num primeiro plano — a Guardunha e a Estrela, rainha das serras portuguesas, a fechar o horizonte com as suas cimeiras gigantes.

Ao Sul multiplicam-se os montes e cabeços que são guarda avançada das serranias beirãs.

Há casinhas brancas e capelinhas risonhas dessemadas entre a verdura dos vales e encostas. O local convida a uma meditação profunda. Vive-se ali na tranquila paz dos campos, plenos de melodias das aves e do zumbir alegre das cigarras.

E há um contraste forte e chocante. As aldeias e casas — e são nada menos do que quarenta — que cercam a vila, na provincia da Extremadura, são todas muito brancas, muito lavadas, rebrilhando aos raios do sol. Aquelas que se avistam para além Zezere, na Beira-Baixa, são negras e tristes, parecendo crastos milenários.

Este é o panoramæ inesquecível que se disfructa no Cabeço do Peão. Durante a noite, um arco voltaico irradia a sua luz branca, desde lá do alto, atestando aos caminantes que avistam essa luz desde muitos quilómetros de distancia: — que ali é a vila de Figueiró dos Vinhos.

A vila dispõe de 1 serviço telefonico permanente, com uma cabine publica, instalada no Gremio Figueirense, e em ligação com a rede geral do paiz e estrangeiro.

Serviço diario e regular de camionetas, transportes combinados com a C. P., da estação de Pombal, donde saem carreiras às 6 h. e 16 horas; carreiras diarias de camionetas de Tomar a Figueiró e vice-versa também em ligação com os serviços ferro-viários; ligação, também por auto-carros, com Castanheira, Louzã, Pedrogam Grande e Miranda do Corvo.

Na comissão de Iniciativa e Turismo prestam-se todas as informações.

Os visitantes são acolhidos, sempre, com o maior carinho, não sendo raro que as pessoas mais cultas e eruditas da vila sirvam de amáveis cicerones.

A' noite são pontos de reunião os Club Figueirense e o Grémio.

Dispõe ainda a vila de iluminação electrica, profusamente distribuida em candieiros modernos e elegantes, por todas as ruas, parque e avenidas. Tem um teatro, inaugurado em 1895, sendo o pano de boca pintado por Augusto Machado. A casa onde viveu mestre Malhõa e que pertence agora a uma senhora, irmã do falecido pintor, contem uma verdadeira galeria de arte que pôde ser visitada mediante autorização da proprietaria.

Na aldeia de Chão de Couce existe um admirável retábulo, na igreja matriz, com a Virgem Nossa Senhora. Este foi o ultimo trabalho que o mestre realizou.

Nada mais precisamos dizer sôbre a vila de Figueiró dos Vinhos, terra de beleza natural tão grande que gerou artistas como os escultores Simões d'Almeida (Tio e Sobrinho); terra que atraiu artistas tão grandes como Malhõa — que dela fez sua Patria adoptiva e que ali pintou algumas dezenas das suas mais luminosas telas, reproduzindo o verde dos campos, a luminosidade do ambiente e o caracteristico dos costumes populares.

Numerosos são os arredores da vila que demandam, também, uma visita dos turistas.

Entre eles devemos destacar: as *Fragas de S. Simão* um admirável recanto natural demarcado por rochas graníticas, de aspecto selvagem, ericadas de pontas agudas e cortantes. Por entre elas corre, a

custo, a ribeira d'Alge que se despenha num revoir de espuma branca, desde algumas dezenas de metros de altura.

Nas *Fragas de S. Simão* habitam os condores e as águias reais.

O local é incomparavelmente mais belo do que as Portas de Rodam.

Afirma o «Guia de Portugal» — e justamente — que é mais inponente ainda do que os cabris do Zezere e do Ceira. Mais pitoresco do que as gargantas do Corgo e do Rabagão.

«No seu género — afirma o mesmo livro — é o que há de mais belo no paiz».

E' um aspecto das Fragas de S. Simão que ilustra a capa d'este *Album de Turismo*.

Junto das Fragas está edificada a pitoresca aldeia da Pena.

A' distancia de 7.800 metros da vila está a ponte da Bairrada, sôbre o Zezere, junto da foz do rio Bouça que ali vai desaguar. A ponte, moderna, de 3 arcos, serve de comunicação entre a Extremadura e a Beira, por uma estrada recém-acabada de construir.

O local tem pitoresco e é verdadeiramente aprazível. Ali se realizam, em todas as épocas do ano, numerosos *pic-nics* e excursões, passando-se agradavelmente um dia inteiro.

O rio corre ao fundo, entre apertadas gargantas, numa velocidade excessiva. Abundam no local sabrosos peixes constituindo o desporto da pesca uma das maiores atrações dos múltiplos e pacientes aficionados.

Matinha — a 7 quilómetros da vila. é sítio aprazível, cercado de arvoredos frondosos, onde se gosa deliciosa frescura, mercê de uma ribeira que ali corre e faz mover, também, uma fábrica de fiação.

A uma hora e um quarto de caminho fica a Serra de S. Nentel. E' admirável a excursão até lá acima ao cume, a 543 metros de altitude. Numerosas pontes rústicas estão lançadas sôbre ribeirinhas que correm e saltitam cantantes atravez dos campos. A meia encosta nasce a ribeira de Agua d'Alta que vem por ali abaixo em quedas caprichosas.

Merecem também ser visitadas as vilas de Castanheira de Pera — a poucos quilómetros e que é povoação nascente e muito industrial. Existem ali algumas dezenas de fabricas de lanifícios; e a vila de Pedrogam Grande, antiga, decadente, com o célebre *Cabril do Zezere*.

As estradas — que constituem um verdadeiro triangulo de turismo — conduzem o turista, facilmente a estas duas vilas.

Na mapa esquemático que fecha este *Album* pode verificar-se o facto citado.

Figueiró dos Vinhos possui ainda todas as facilidades que é de uso conceder aos visitantes.

Tem estação telegrafo-telefono-postal, com serviço das 9 às 19 horas, serviço de encomendas postais, registos, vales ordinarios e telegraficos.

Um hotel e pensões com serviço decente e económico, sendo afamados alguns pratos da cozinha regional.

